

BLACK SOUL: INVISIBILIDADE NO LAZER E EMERGÊNCIA NA CIDADE**Recebido em:** 17/08/2016**Aceito em:** 19/04/2017

*Luiz Carlos Felizardo Junior*¹
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)
Belo Horizonte – MG – Brasil

RESUMO: Não havendo encontrado no campo de estudos do lazer nenhuma pesquisa que focasse o Black Soul no campo de estudos do lazer, o estudo de revisão bibliográfica ora apresentado foca a partir de uma leitura de pesquisa de diferentes campos de conhecimento sobre a presença do estilo musical no Brasil. Nesse artigo, conclui-se a partir de uma leitura sócio histórica, que o estilo musical e o baile a ele relacionado configuram uma prática sociocultural de lazer, destacando aspectos de sua (re)emergência na metrópole Belo Horizontina do início do século XXI.

PALAVRAS CHAVE: Dança. Atividades de Lazer. Metrôpoles.

BLACK SOUL: INVISIBILITY IN LEISURE AND EMERGENCY IN THE CITY

ABSTRACT: The literature review in this work identified the lack of specific researches about the Black Soul ball which made the author support its discussion on related studies on the presence of black music in Belo Horizonte city. The initial conclusions shown that this music genre and its ball figure a social and cultural practice of leisure wherein the aspects of the Black Soul (re) emergency are highlighted in Belo Horizonte metropolis in the beginning of the 21 st century.

KEYWORD: Dancing. Leisure Activities. Metropolis.

Introdução

Com foco para a produção teórica de sobre o estilo Musical *Black Soul*, a fim de compreender e apresentar a forma como essa presença discutida em teorizações feitas em diferentes campos do conhecimento, e no campo de estudos do lazer

¹ Mestre em Educação (FAE/UFMG). Doutorando em Estudos do Lazer (EEFFTO/UFMG). Bolsista CAPES, Juventude educação na cidade (GEPEC/FAE/UFMG).

especificamente, empreende-se esse estudo de revisão bibliográfica, com vista a apreender o que se conhece e se sabe sobre do fenômeno, com ênfase na cidade de Belo Horizonte, tendo por objetivo de refletir aspectos da manifestação deste movimento enquanto prática sociocultural de lazer que integram distintos componentes da vida dos sujeitos que dele participaram e participam.

A partir do que foi encontrado nessa produção, discuto algumas perspectivas referentes às práticas de lazer no intuito de apontar algumas reflexões que buscam justificar inserção desta prática sociocultural nesse campo de estudos, tendo em vista ampliar a compreensão dos modos como esta importante dimensão da existência humana se manifesta, com especial atenção as suas implicações na educação, entendido enquanto processo de transgeracional que se dá para os diferentes grupos de idade.

Tal reflexão é parte de uma pesquisa de doutoramento em estudos do lazer, por meio da qual se pretende conhecer e compreender a dimensão socializadora/educativa que apresenta forte caráter intergeracional, no processo de transmissão de memória e ritos culturais entre jovens, adultos e mais velhos, inseridos em prática de lazer pública, do universo adulto – que tem na pertença étnico-racial e étnico-cultural um de seus principais elementos definidores.

Trajetória do Black Soul no Brasil: Alguns Indicativos Relevantes da sua Produção no País

Do expediente de revisão bibliográfica nos estudos do lazer, o primeiro aspecto a ser destacado é o fato de que não foi encontrado nenhum estudo ou pesquisa que focasse o *Black Soul* em pesquisas nesse campo. Contudo, por ser uma prática real na e da cultura, o *Black Soul*, não está de todo desconsiderado neste campo. Em pesquisas que

tratam do Rap e do Funk pós 1980, existem menções ao *Black Soul* que, via de regra o informam como estilos musicais do passado atualizado nos novos e renovados estilos musicais articulado à práticas de lazer dos jovens na atualidade, indicado a forma parcial pela qual está considerado na produção do campo do lazer.

Tendo constatado a ausência – entendida como aquilo que por não ser considerado “está construído como inexistente”, e, portanto na produção do campo, “fora da razão que identifica e valoriza como real” Santos (2000, p100), passei a buscar pesquisas que focaram o *Black Soul* em outros campos e nelas, as relações entre Black Soul e Lazer, tendo encontrando as pesquisas de Hermano Vianna (1987), na antropologia, Ribeiro (2008, 2010) na geografia, Palombine (2008,2009) na música, Alves (2010) Silva (2011) Naked (2012) na história e Coimbra (2013) e Coimbra e Saraiva (2013) na administração, artigos científicos, além de livros sobre o estilo, discografias, reportagens em jornais, revistas, sites de internet e biografias dos ícones desse gênero musical. Estes passam a compor parte do acervo dessa pesquisa.

Sobre o estilo musical e o lazer a ele relacionado, no Brasil, essa produção consultada informa de modo geral que: a) O lazer é inerente ao estilo e ao baile Black Soul; b) A permanência do Black Soul na cultura configura um *continuum* histórico e cultural; c) As influências do estilo e do lazer a ele relacionado foram geradoras de tensão social, cultural e política no Brasil e também em outras localidades do globo; d) O papel protagônico do sujeito histórico cultural negro (afrodescendente e negro-descendentes) na constituição do estilo, e na influência sobre a produção de novos e renovados estilos, comportamento, moda (modo) e *ethos*, tanto conserva aspectos da matriz africana quanto a transforma (e) James Brown é o principal ícone desse estilo musical e para além da música, da dança e comportamento, permanece como base para

as novas formas da Black Music e também como referência na dança dos “Black’s e dos Braus”.

Outro aspecto que se destaca dessa ação de pesquisa refere-se à nomeação, Black Music e Black Soul. Como nos alerta Carlos Palombine na seguinte referencia:

O soul que nos Estados Unidos, no início década 1960, serviu como instrumento importante para o movimento de direitos civis e para a “conscientização” dos negros, logo depois, no fim dessa mesma década, já perdia sua força política e revolucionária tornando-se um termo vago, sinônimo de *Black music*. (PALOMBINE, 2009, p.39 Grifos do autor).

Nessa referência *Black Music* está apresentada como uma generalização, no qual é o *Black Soul* é um estilo musical que referencia o termo genérico que parece ser corroborada por ALVES (2010), em sua afirmação de que no contexto internacional o *Black Soul* serviu como instrumento de luta pelos direitos civis; já no Brasil, segundo autora, a *Black Music* de modo geral, e o *Black Soul* especificamente, surgem num contexto interno de prosperidade, crescimento da economia e difusão dos meios de comunicação de massa.

Breve Histórico do Black Soul no País

Segundo Giacomini (2006) o estilo musical *Black Soul* emerge como sucesso nas cidades brasileiras no contexto de modernização do país, com a disseminação nacional e consumo de aparelhos de rádio e televisão que foram também utilizados no reforço do ideal de modernização urbana que acontecia desde os anos de 1950, quando da passagem de uma sociedade majoritariamente rural para eminentemente urbana, com todos os problemas sociais e culturais de uma transformação tão acelerada (ALVES, 2010, p.37).

Nesse contexto, segundo as pesquisas, que a indústria do entretenimento, fomentada pela produção de discos voltados à formação de um público consumidor entre os jovens – que passaram a ser o alvo de maior interesse da indústria fonográfica em internacionalização, que elegeu a *Black Music* como uma das áreas de investimento.

Sendo amplamente divulgado², o estilo musical – *Black Soul* – foi um empreendimento de sucesso, de expressiva aceitação entre os negros, segmentados de acordo com padrões musicais, mas não apenas, com principal foco nos centros urbanos, dos quais se destaca Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Porto Alegre e Bahia.

Esse cenário de transformação acelerada vivido nas cidades e que contextualiza a chegada do *Black Soul* no Brasil, está destacado no cenário mundial, e não passou despercebido no campo de estudos do lazer, como evidenciado por Ethel Bauszer Medeiros (2003), o informa como um contexto a mudança de mentalidade e complexificação lazer no país e no mundo, destacando as:

[...] consequências dos avanços da ciência e da tecnologia, fomentadas pela expansão das rádios e televisão, crescimento do turismo em grupo, desenvolvimento da indústria automotiva e abertura de novas rodovias, além das mudanças em relação as questões da sexualidade, drogas, viagens e o turismo, e de comportamento como podemos verificar nos festivais de música da época entre outras posturas e comportamentos (MEDEIROS, 2003, p. 35).

Esse reconhecendo da importância que tiveram os protestos estudantis, movimento pelos direitos civis, feminismo, campanhas antiguerras, contraculturas e dos novos meios de comunicação na mudança de mentalidade e complexificação anteriormente indicadas, foi destacado por Cleber Dias (2010, p.59) na avaliação de que movimentação cultural desse período influencia o campo de estudos do lazer de modo

² Esse aspecto, presente na produção é relevante na compreensão do Movimento Black Soul, mas será explorada posteriormente em outros trabalhos em função dos objetivos deste artigo.

específico e pensamento nas ciências humanas de modo geral, contribuindo para a ocorrência do que chamou “[...] insurreição teórica que no pensamento acadêmico científico”, pelas intensas críticas e questionamentos ao positivismo que suscitou, criando as condições que contextualizam a emergência do relativismo.

Focalizando a Juventude da época, por meio de uma síntese resultante da dialética da juventude entre autonomia e integração contextualizando a chamada “revolução mundial juvenil dos anos de 1960”, Luiz Antônio Groppo (2002, 2004) informa que estas, tanto contribuíram para inscrição das formas de cooptação da juventude e de apropriação de estilos de vida juvenil pela indústria cultural, quanto revela às formas pela qual as juventudes da época contribuíram em forma e conteúdo, para a instauração do novo na modernidade, que sabe, legou importantes heranças para as gerações posteriores.

Considerando que o *Black Soul* emerge nos Estados Unidos e internacionalmente nesse contexto de efervescência e que nos trabalhos relativos ao Black Soul o contexto brasileiro está informado por novas relações socioculturais, tensões econômicas e transformação importantes na configuração da cultural à época, constatou-se a invisibilidade do sujeito negro na produção do campo de estudos do lazer.

Nos trabalhos sobre o estilo musical e os bailes os negros e afrodescendentes – com gênero, classe, território, idade, subjetividade e objetividades existem, são sujeitos. No campo do lazer– excetuando as menções parciais do estilo no campo do lazer – esse sujeito histórico-cultural inexistente.

O exame do que a produção desse aspecto na produção do lazer permite concluir que o campo desconhece que nesse contexto, o sujeito histórico-cultural negro indagou

o mundo e a humanidade – sua e a dos outros – e, explicitou as contradições do racismo localmente e globalmente, e que por isso enfrentou violências ao instaurar questionamentos profundos à alteridade no ocidente e, para além do discurso explicitamente político, produziu novas formas de expressão de arte e moda (que também é modo), reinventando sentidos para o seu lazer, com diversão, sociabilidade, alegria, música e dança novos significados para si e de si no mundo.

Aliás, como outros segmentos juvenis que à época adotam a estilos musicais que os identificassem em outros momentos. Punk, Rock, psicodelismo, *Black Soul*, Tropicalismo, entre outros, que exemplificam essa diversidade e até são considerados nas pesquisas.

Voltado o foco para a produção teórica acerca do *Black Soul* no cenário nacional, Vianna (1987), Ribeiro (2008), Alves (2010), Coimbra (2013) informam à mudança na programação das rádios da época, que passaram a executar um novo repertório, composto principalmente por lançamentos musicais vindos principalmente dos Estados Unidos e da Europa, como importantes para a internacionalização do estilo e na sua apreensão pela população nas cidades.

Avançando na explicitação da fruição do lazer como inerente à vivência do *Black Soul* em uma perspectiva histórica, o antropólogo Hermano Vianna (1987) nos informa que os “Bailes da Pesada” – como eram chamados os bailes *Black Soul* no Rio de Janeiro – atraíam cerca de cinco mil dançarinos vindos de diferentes regiões da cidade do Rio de Janeiro a exemplo do Clube Esperança no Rio de Janeiro (VIANNA, 1987).

Nos bailes segundo Vianna (1987), as canções executadas pelos discotecários incluíam rock, pop e principalmente soul de artistas como James Brown, Wilson Pickett

e “Kool and The Gang,”. Na mesma linha Magnanni (2003) tratando de pesquisa realizada em 1981 apresenta os bailes da Chic Show que eram realizados uma vez por mês frequentados exclusivamente por jovens negros, onde se dançava Funk, Soul [...] em São Paulo como “baile”, festa, uma forma de entretenimento”[...] (p.34-35).

Da produção consultada é possível afirmar que todos as pesquisa informa o lazer como inerente à experiência do Black Soul Aspecto que não implicou na desconsideração da possibilidade de que também por aqui esta expressão sociocultural tenha dado ensejo ao fortalecimento do enfrentamento ao racismo por afro-brasileiros e negro-descendentes, como nos mostra essa produção teórica.

O Black Soul e o baile a ele relacionado, que, inicialmente se configurou como produto orientado para segmentos médios da sociedade nacional, vindo do estrangeiro, na medida em que cai no gosto da periferia, e em que estes eventos se transformaram em locais de expressão do segmento jovem, negro e pobre da sociedade, isso vai deixando de ser considerado positivo nas cidades. Nesse sentido Vianna (1987) informa que no Rio de Janeiro [...] os primeiros bailes foram realizados no Canecão³ [...], que não duraram muito tempo e foram transferidos para clubes nos subúrbios cariocas (VIANNA, 1987, p. 51).

Segundo Carlos Palombine (2009, p.39), Lena Frias, primeira jornalista que considerou o poder do *Black Soul* nas periferias, informado-o como *fenômeno sociológico* mais *instigante* registrado sua presença no Brasil, segundo esse pesquisador, revelando e nomeou a cena *Black Soul* nas páginas da grande imprensa nacional em 1976.

³ Cervejaria localizada no bairro do Botafogo, Zona Sul do Rio de Janeiro, que assumiu ao longo dos anos importância significativa na história da música no Brasil.

Nessa reportagem a jornalista relatava que os bailes Black do Rio eram locais equivalentes aos *sound systems* jamaicanos dos anos sessenta e que no Rio de Janeiro os bailes já mobilizavam, nos fim de semana, de quinhentos mil a um milhão e meio de jovens negros ou identificados com a negritude⁴. Sobre isso escreveu ela:

Uma cidade de cultura própria [...] dentro do Rio. Uma cidade que cresce e assume características muito específicas. Cidade que o Rio, de modo geral, desconhece ou ignora. Ou porque o Rio só sabe reconhecer os uniformes e os clichês, as gírias e os modismos da Zona Sul; ou porque [...] considera mais prudente ignorá-la na sua inquietante realidade [...]. Uma população cujos olhos e cujos interesses voltam-se para modelos nada brasileiros. População que forma uma cidade móvel, cujo centro se desloca permanentemente – ora está em Colégio, onde fica o clube Colezinho, considerado um dos primeiros templos do soul, ora em Irajá, ora em Marechal Hermes, ou em Rocha Miranda, ora em Nilópolis ou na Pavuna [...]. Uma cidade cujos habitantes se intitulam a si mesmos de blacks ou de browns; cujo hino é uma canção de James Brown ou uma música dos Black birds; cujo bíblia é Wattstax, a contrapartida negra de Woodstock; cuja linguagem incorporou palavras como brother e White; cuja bandeira traz estampada a figura de James Brown ou de Ruffus Thomas, de Marva Whitney ou Lin Collins; cujo lema é I am somebody; cujo modelo é o negro americano, cujos gestos copiam, embora sobre a cópia já se criem originalidades. Uma população que não bebe nem usa drogas, que evita cuidadosamente conflitos e que se reúne nos finais de semana em bailes por todo o Rio. É o soul power, fenômeno sociológico dos mais instigantes já registrados no país (FRIAS, 1976, p.4-5).

Chama a atenção o fato de, que na reportagem da qual o trecho foi extraído, a jornalista apresentar e exalta o movimento que emergia com o *Black Soul*, questionando a sociedade carioca, o seu descaso com a periferia, ao mesmo tempo em que descreve os

⁴ Negritude: termo que se refere a um movimento político e também literário surgido nos anos 30 do século passado e que reuniu pensadores identificados a partir da herança africana comum na contestação do legado internacional dos africanos e seus descendentes. Um movimento social, político e estético assentado na afirmação da identidade africana e dos negros da diáspora que tinha por orientação lutar pelos direitos fundamentais e que os negros do mundo inteiro têm compromisso ideológico uns com os outros.

participantes dos bailes *Black Soul* como população que não usava drogas, não bebia, evitava conflitos e se reunia nos finais de semana para dançar.

Esse destaque apresentado na redação da jornalista representa uma denúncia acerca da invisibilidade das camadas populares na cidade do Rio de então, esclarecendo que os negros daqui incorporavam do estrangeiro – como os ícones da *Soul Music* e a introdução no vocabulário de expressões novas, tais como os termos *Brother* e *Brown* –, mas que essa introdução era ressignificada nos seus usos, diferenciando da forma original oriunda da língua estrangeira.

Retomando o contexto histórico, o posicionamento da opinião pública é destacado por Vianna (1987) e Palombine (2009) informando que após à manifestação de Frias em relação ao *Black Soul*, inicia-se uma campanha de desqualificação da manifestação que se evidencia nos artigos do maestro Júlio Medaglia “Turismo vê só comércio no Black Rio” *Jornal do Brasil* e “Black Rio assusta maestro Júlio Medaglia”, *Folha de São Paulo* e do sociólogo de Gilberto Freyre no artigo “Atenção brasileiros” publicado em 15 de maio de 1977, no *Diário de Pernambuco*, que reage ao entusiasmo de Frias, tecendo as seguintes considerações:

Será que estou enxergando mal? Ou terei realmente lido que os Estados Unidos vão chegar ao Brasil [...] norte-americanos de cor [...] para convencer os brasileiros também de cor de que seus bailes e suas canções afro-brasileiras teriam de ser de “melancolia” e de “revolta”? E não, como acontece hoje [...], os sambas, que são quase todos alegres e fraternos. Se o que li é verdade, trata-se mais uma vez, de uma tentativa de introduzir, num Brasil que cresce plena e fraternalmente moreno – que parece provocar ciúme nas nações que também são birraciais ou trirraciais – o mito da negritude, não do tipo do Senhor, da justa valorização dos valores negros ou africanos, mas do tipo que às vezes traz a “luta de classes” como instrumento de guerra civil, não do Marx sociólogo, mas do outro, do inspirador de um marxismo militante que é provocador de ódios [...]. O que se deve destacar, nestes tempos difíceis que o mundo está vivendo com uma crise terrível de liderança [...] (é que) o Brasil precisa estar

preparado para o trabalho que é feito contra ele, não apenas pelo imperialismo soviético [...] mas também pelo dos Estados Unidos (FREYRE 1977, p. A-13).

Diferentemente de Frias, portanto, Freyre via na chegada do *Black Soul* ao Brasil uma invasão imperialista e questionava a validade de viver a melancolia e revolta características do estilo em detrimento da alegria e fraternidade do samba, integrado à cultura nacional. A partir deste expediente avalia-se que o autor estabelece uma dicotomia ao comparar o modo de se lidar socialmente com tensões raciais estadunidenses e o modelo de integração pacífica dos povos no contexto da operação do mito da democracia racial brasileira, lógica pela qual Freyre compreende o Brasil.

O reconhecimento, por ele, do potencial contestador o *Black Soul*, que vinha operando mudanças significativas no âmbito da alteridade nacional e questionava as desigualdades raciais, estabelecidas pela tecnologia social da colonização em diferentes localidades do mundo, as formas de enfrentamento ao racismo por negros nos Estados Unidos, o processo de descolonização de nações no continente africano, e também uma imagem apressada sobre o que se passava por aqui, são aspectos parecem ter provocado o temor de Freyre em relação a uma possível desorganização do nosso padrão relacional racial, levando-o a alertar todos em relação ao que considerava expressão do imperialismo estadunidense – tão temerário quanto seu oposto, o imperialismo soviético.

Nesse sentido explicita-se a intencionalidade de mobilizar a opinião pública no sentido negativo em relação ao produto cultural, grupo de estilo, e práticas sociocultural de lazer a ele relacionado, ou seja, desencadeia-se um processo no qual a rede midiática emite comentários inferiorizantes e desqualificadores em relação a estes estilos de expressão de base étnico-cultural negra, ridicularizando esteticamente seus adeptos, chegando a acusá-los de alienados, acrílicos, e de imorais – dada a forma de

movimentação do corpo na dança tida por sensual por esses olhares – e questionando, por tudo isto, sua adequação para o Brasil.

Entretanto, lidos pelo avesso, esses artigos se convertem em ricas fontes cujo estudo permite identificar também o potencial mobilizador do estilo, a estética diferenciada de seus adeptos e a forte dimensão de corporeidade nele inscrita, sua mobilização da diversão em celebração a vida, enfim, seu lazer (GOMES *et al.*, 2006).

Com relação a esses posicionamentos da opinião pública em Albert; Pereira (2007) encontramos o depoimento do sociólogo Carlos Alberto Medeiros que as reações conservadoras enfrentadas pelos Black's, partiram tanto da esquerda, quanto da direita política brasileira. Segundo ele, de um lado a direita acreditava se tratar de sinais de “conspiração comunista”; de outro, os comunistas acreditavam se tratar de uma “invasão imperialista”.

Sobre esse aspecto político Nilma Lino Gomes destaca que nessa época a separação entre o estético e político era a tônica do pensamento político – tanto de ativistas negros quanto de setores políticos e intelectuais de diferentes campos – sendo vista com desconfiança. Entretanto, essa relação entre estética e política dos Black's, por parte de ativistas negros, passou gradativamente a ser vista como positiva, na medida em que esta “[...] abria possibilidade para os jovens negros olharem para si, sua cultura no presente e a de seus antepassados, de forma a ir elaborando uma identidade de pertença positivada”. (GOMES, 2006, p.224).

Na tentativa de melhor compreender as tenções postas na dimensão político-cultural nas vivências do *Black Soul*, retomamos o antropólogo Hermano Vianna (1987, p. 58-60) que constatou que esses bailes não representavam um espaço alienado de apropriação de uma cultura desnacionalizada, pautando, se, entre outras evidências, no

testemunho de Toni Tornado para quem [...] o movimento começou sem grandes perspectivas e com o único intuito de “animar a festa”, mas [...] foi utilizado o pretexto da dança para aglutinar o maior número de pessoas.

Sobre essa dimensão organizativa no lazer, apresentando a história do movimento Negro em Belo Horizonte Cardoso informa que os bailes Black's:

[...] além de aglutinar a juventude negra para dançar [...] propiciavam um espaço oportuno onde florescia consciência política em relação a negritude e a possibilidade de uma consciência coletiva, a partir da vivência da realidade em torno de problemas comuns (CARDOSO, 2002, p.164).

Esse aspecto destacado na história do movimento negros dessa cidade, e também em outras pesquisas sobre o movimento Black, falará daquilo que socialmente subvertia a normatividade da lógica da alteridade do contexto e a problematização disso, aspecto que, como veremos adiante, provocará a intensificação de reação contrária por parte das hegemonias, tanto em relação ao estilo e sua estética quanto da consciência coletiva contra o Racismo á Brasileira que emergia.

No sentido organizativo do segmento negro nesse lazer antropólogo Hermano Vianna (1987), destaca que no clube Renascença, aconteciam “[...] concursos de misses, roda de samba, teatro, projeção de slides, discussões e debates sobre a realidade do negro [...]” que potencializavam um projeto político-cultural voltado para a construção de uma identidade fundamentada em símbolos da cultura negra, passando a ser um clube de referência cultural.

A estética dos *Souls Brother's* como informa Vianna e demais autores, demarcou um estilo no qual se valorizava os cabelos afro, sapatos conhecidos como pisantes (solas altas e multicoloridas), calças de boca estreita, as formas da dança aproximadas a James Brow, as gírias que compunham o jeito de fala e a forma de andar

mais ou menos vinculado à expressão *Black is Beautiful*⁵ - em convergência com o objetivo de construção de uma identidade fundamentada em símbolos da cultura negra. E com o *Black Power*⁶

A vizibilização dessa dimensão estético expressiva, presente nos bailes *Black Soul*, foi também destacada por Magnanni (2003) quando analisa o “chic” dos bailes realizados pela Chic Show na São Paulo da década de 1980, *para o qual os jovens se preparavam a rigor: trajes clássicos ou exóticos, sempre vistosos, originais penteados, tranças e adereços.*(p.31).

Dentro dessa perspectiva, mas, excetuando o exotismo do antropológico desse olhar, diferentes são os indicativos dessa estética e das relações políticas a partir delas estabelecidas destacadas nessa produção, contexto está informado por novas relações socioculturais, tensões econômicas e transformação importantes na configuração da cultural à época.

Nacked (2012a) informa anos de *mobilização suburbana em torno da estética negra com expressão musical* e relaciona tal empreendimento ao surgimento de diversos nomes do movimento *Black Music* nacional, como Toni Tornado, Gerson King Combo, Tim Maia, Tony Frankie, grupo Senzala (embrião da banda Black Rio), Cassiano, Hildon e equipes de som como a Paulista, Chic Show e a carioca Soul Grand Prix.

⁵ O lema do movimento negro estadunidense de 1960 que tinha o panafricanista Stokely Carmichael seu principal representante junto com De Bois. A generalização do Black Power teve expressão sua expressão pública nas artes, na literatura, nos cartazes, música ação política e ações de luta pelos direitos civis, no contexto de descolonização da África. Essa expressividade foi diferentes espaços da sociedade transformar-se-á em slogan de afirmação inicialmente utilizado pelo movimento negro estadunidense. Inicialmente utilizado por Malcom X, passou a ser utilizado pelo Movimento de Consciência Negra e movimentos negros pelo mundo com vistas a fortalecer a estima do negro da diáspora que não se viam como portadores de positividade e beleza.

⁶ Tratava-se de um momento de um momento sócio-cultural no qual o sentido de afirmação do orgulho coletivo de ser negro convergia apresentar uma expressividade de origem africana, que se expressava no comportamento e ato o desafio a branquidade e a branquitude.

Essa construção expressivo-estética que ocorreria e ainda ocorrem entre os mais jovens, por meio da ludicidade e sociabilidade e do caráter educativo, socializador e libertário, no lazer, propiciado pelos encontros nessas práticas socioculturais, com dança, alegria e diversão em celebração á vida contestam hegemonias com o que recria. E, ao que parece, essa dimensão estético-expressiva dos bailes Black possibilitou em meio ao lúdico, a conexão das narrativas brasileira, estadunidense em diálogo com uma África – utópica como canta Caetano Veloso⁷ – tendo por resultado uma reelaboração das reivindicações políticas e sociais dos negros norte-americanos, pelos brasileiros, ajustando-se gradativamente a sua realidade e produzindo um contraponto ao projeto integracionista vigente (NACKED 2012 b, p.4).

Nos Bailes, espaços de sociabilidade, esses sujeitos instauravam novos comportamentos, moda – que também é modo – e linguagem sustentadas numa corporeidade negra, que informavam valores de uma dada posição política, expressa na cultura e questionadora da realidade vivida. Assim, os Black's estavam identificados, no Brasil, ao contexto histórico dos negros na diáspora – luta por direitos civis, pan-africanismo, negritude, consciência negra, ao processo de independência dos países africanos, etc.

A expressividade estética, capacidade mobilizadora e orientação política do que se convencionou movimento Black Soul da época – refratária ao mito fundador da harmonia entre as três raças que conforma o ideário de democracia racial do “povo

⁷ O trecho da Música Sampa de Caetano Veloso “Pan América de Áfricas utópicas, tumulto do Samba mais possível novo quilombo de Zumbi” corresponde a uma referência ao ato de fundação do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial que viria a se tornar Movimento Negro Unificado (MNU), ocorrido em 1978, na Praça da República na Avenida Ipiranga, a um quarteirão da Avenida São João.

brasileiro” – foi visto como uma ameaça e reprimida intencionalmente nos planos objetivo e subjetivo – por mecanismos de poder dominante.

Desse modo, uma prática sociocultural de lazer integra elementos que ultrapassam a dimensão lúdica da sua ontologia e remetem a expressão para o campo político marcado por tensões sociais e culturais. E, os atos de repressão a essa prática sociocultural de lazer estão informado em praticamente todos os trabalhos consultados, revelando que se deram de diferentes formas em níveis distintos.

Para além da opinião pública contrária como exemplificado pelos artigos jornalísticos nada simpáticos aos Black's e ao estilo no país, temos como exemplo no plano da produção musical, o caso de Tony Tornado, que ao cerrar os punhos, fazendo o gesto que caracteriza os Black Panthers⁸, foi preso ainda no palco, do qual saiu algemado em 1971, quando se apresentou, junto com a cantora Elis Regina, na música “Black is beautiful”. Palombine (2010) informa que no caso específico dessa música a letra original já fora censurada a pretexto de que expressava um problema racial que não existia no Brasil. Os dizeres “eu quero uma dama de cor, uma deusa do Congo ou daqui, que **melhore** o meu sangue europeu” teve de ser modificada para: eu quero uma dama de cor, uma deusa do Congo ou daqui, que se **integre** no meu sangue europeu” (idem,p.45), que se adequa ao ideário integralista propagado pelo regime ditatorial dos militares que governavam o Brasil.

Outro exemplo da repressão se deu no caso de Wilson Simonal, que esperou por quatro meses para que a censura liberasse seu disco ao vivo “Tributo a Martin Luther King” de 1967 em que canta com três mil pessoas: “cada negro que for, mais um negro

⁸ Nome resumido de Black Panthes Party for Self Defense, partido revolucionário fundado em 1966 nos estados Unidos com o objetivo de supera, por meio da luta armada, a discriminação racial sofrida pelos negros naquele país.

virá para lutar com sangue ou não, com uma canção também se luta irmão, ouve minha voz!” (PALOMBINE, 2010, p.46).

Além de aspectos relativos à violência policial como já indicado anteriormente a partir de Cardoso (2012) em Belo Horizonte, Ribeiro (2008) e Coimbra (2013) também destacaram que, ações repressoras em relação aos participantes dos bailes Black, especialmente quando apresentam depoimentos de antigos frequentadores do *Máscara Negra*. Nos relatos abunda histórias sobre incomoda convivência dos jovens, à época, como as constantes invasões da polícia para a verificação do local, nas quais não bastavam para os jovens identificar-se. Isso era insuficiente, a polícia exigia a comprovação de que eram trabalhadores. Sobre isso Ribeiro (2010, p.173) informa que:

A maioria dos *black's* não possuía carteira de trabalho assinada, pois grande parte trabalhava no mercado informal, como camelôs, pedreiros, etc. Isso acarretava um grande número de detenções.

Em São Paulo o Antropólogo Magnanni (2003,p.31) também observa essa repressão quanto à participação dos sujeitos no início dos anos 80. Em estudo etnográfico do baile promovido pela Chic Show⁹, atesta que os frequentadores conheceram a “repressão propriamente dita”, “na minuciosa e humilhante revista policial à entrada”.

Esse tipo de ação é inclusive indicado pelas autoras e pelos Black's que um dos motivos pelos quais os pesquisadores atribuem a diminuição do prestígio e da presença dos frequentadores dos bailes *Black Soul* nas cidades. Avalio como esses autores que a

⁹ Equipe de som Chic-Show especializada em Black Music nacional e internacional foi a equipe de som de maior sucesso nessa cidade produzido e promovendo bailes nos anos de 1980 nos mais variados bairros e shows nos anos de 1980 na cidade de São Paulo.

criminalização dessa prática sociocultural de lazer, objetivaram produzir o esvaziamento de um movimento tencionava, questionando o a hegemonia do modelo vigente.

Avançando um pouco mais no tempo, tanto Magnani (2003) quanto Vianna (2010), Palombine (2009) e Silva (2011) informam a presença de bailes funk nas periferias de São Paulo no início da década de 1980, nos quais os DJs tocavam *um funk mais antigo* ressaltando uma possível reemergência e/ou permanência dos bailes *black* (VIANA 1988 p. 11).

Corroborando essa permanência temos o trabalho de Daniela Fernanda Gomes da Silva (2011) em estudo desses bailes periféricos. Essa reemergência e/ou permanência evidencia nuances entre uma prática anterior e sua ressignificação num contexto presente, no qual oculta e revela elementos de uma memória histórica que resiste a sua aniquilação.

A pesquisadora citada acima, ao focar a *Black Music* de modo geral identifica elo nas relações raciais entre Brasil e Estados Unidos. Partindo do conceito “conexão diaspórica”, busca compreender o que fazem com que povos negros/afrodescendentes, em diferentes países, se sintam conectados de diferentes maneiras. Identifica nesse sentido, características semelhantes no que se refere tanto à sua maneira de ser e agir, quanto em relação aos problemas enfrentados na sociedade¹⁰. Observando a conexão entre jovens negros paulistanos e a cultura urbana afro-americana a partir de uma relação com a *Black music*, a autora percorre bailes de periferia através do tempo e, mesmo reconhecendo que há peculiaridades de cada geração, identifica um conjunto de

¹⁰ Cabe destacar que as relações entre *Black Soul, Funk, Charm, Rap e Miami Bass* - conhecido como funk carioca - ainda não estão devidamente esclarecidas, no entanto, dentro do quadro geral da *Black Music* nacional concordamos com os autores que a existência desses bailes tem íntima relação com o Soul.

continuidades entre jovens negros de São Paulo desde a década de 1970 até os dias atuais.

O baile Black Soul na Belo Horizonte do Século XXI

Em Belo Horizonte, com relação aos bailes *Black Soul*, diferentemente do ocorrido em São Paulo e no Rio de Janeiro - onde os bailes mais destacados estavam na região central e depois foram para as periferias da cidade - os bailes *Black Soul* tiveram início nas periferias da cidade, “[...] distantes da elite que frequentava os clubes da zona sul [...], [sendo que] os primeiros bailes soul acontecem primeiro, timidamente, nas casas da periferia e posteriormente em espaços fechados” (RIBEIRO, 2010, p. 125).

Segundo informam os ativistas culturais da Black Music de Belo Horizonte, haviam bailes em todas as regiões administrativas: Bailes do Tremendal, União Síria, Máscara Negra, Italiano, Clube Recreativo (Sedinha), Clube da Dama, Alto dos Pinheiros, Comercial, Quadra do Barreiro, Soft, Anatômico, Recreativo, Cabana (forninho), Clube da amizade, Fina Flor, Clube Asteca, Flash dance, Club da Dama entre outros. E, desses o baile mais importante no período foi o baile do Máscara Negra, aspecto informado por Dayrell, (2005), Coimbra (2013) e Ribeiro (2008, 2010), que localizado no centro da cidade e que recebia frequentadores de vários lugares da cidade, especialmente das periferias e da região metropolitana.

O estilo de música *Black Soul*, embora tenha saído de moda, não deixou de ser tocado nas rádios e nem desapareceu esquecido no tempo. Pelo contrário, ele permanece tanto como base sonora e rítmica influenciando na música contemporânea nos novos e renovados estilos musicais como no Rap e no Funk, por exemplo, quanto permaneceu também como prática sociocultural de lazer na forma de bailes nas periferias da cidade, e no início do século XXI, existe na forma de bailes e apresentações pela cidade.

Em Belo Horizonte segundo Ribeiro (2008, 2010) e Coimbra (2013ab), a partir da pesquisa sobre sua (re) emergência na metrópole desse início do século XXI informa o fenômeno na cidade, Para além das pesquisas são variados os testemunhos entre os black's e "braus" encontrados na internet e, mesmo depoimento já colhidos no estudo etnográfico que confirmam o fenômeno e atribuem a permanência e atual emergência os bailes ao protagonismo a Antonio Marçal - Toninho Black - e seu irmão Magno.

O reconhecimento aos dois protagonistas se deve ao fato de terem empreendido a primeira danceteria voltada para a Soul Music, em 1983, mantido os bailes mesmo, quando eram poucos frequentadores e pela organização do baile da Saudade - o mais tradicional evento de *Black Soul* da cidade desde 1998 que fomentará os movimentos que se seguem na cidade. Inclusive, é esse um dos principais pontos destacado no documentário de Tomás Amaral - BH Soul: a cultura Black de Belo Horizonte¹¹.

Ao que parece, esses bailes aglutinaram pessoas que gostavam do estilo e do lazer que possibilita na sociabilidade pelo encontro, além de apresentar aos mais novos, jovens desse século o estilo e, nele aprender e ensinar a dançar, com diversão. Alegria em celebração à vida.

Foi, segundo a bibliografia consultada, o movimento social Quarteirão do Soul a principal iniciativa que mobilizadora das pessoas a dançarem o Soul na atualidade, fomentados pela participação em bailes públicos, nas ruas e na praça central da cidade revelando as potencialidades desse lazer na metrópole.

Ribeiro (2008) informa que o movimento Quarteirão do Soul que contava inicialmente apenas com a presença dos membros fundadores que se divertiam

¹¹ Primeiro longa metragem do cineasta mineiro Tomás Amaral que parte de uma pesquisa histórica que mergulha nas décadas de setenta e oitenta reunindo imagens e depoimentos de dançarinos, músicos, discotecários e bailes do gênero e retrata a cultura urbana do soul em Belo Horizonte, ligada à música e à dança funk dos anos setenta, que na atualidade acontecem na cidade.

dançando a Soul Music, ao entorno de um carro, cercados pelo olhar de curiosidade e admiração dos transeuntes, irá se popularizar num baile que, organizado por esse pequeno grupo de pessoas, no centro da cidade, irá se popularizar atingindo um público de quinhentas pessoas semanalmente, que dançavam *Black Soul* na rua. O Movimento Quarteirão do Soul foi descrito pela pesquisadora no ano de 2008 como um movimento

[...] encabeçado por pessoas de baixa renda, vindas das mais diferentes regiões da cidade, na faixa dos 45-50 anos, que se reúnem todos os sábados na área do baixo-centro de Belo Horizonte, apressando-se da calçada e da rua para dançar Black Music (RIBEIRO, 2008, p. 135).

Informa como resultado de pesquisa que, diferentemente das aspirações dos anos de 1970 do século passado, quando o baile *Black Soul* expressava com centralidade a politização da negritude e da consciência negra, a motivação da “nova” forma pública do baile *Black Soul*, é a fruição do lazer no reencontro com os amigos que frequentavam os chamados bailes Black’s do centro da cidade de Belo Horizonte no passado.

Entretanto, essa forma pública, gratuita e inclusiva de lazer não está livre de tensões, e no ano de 2009, uma série de tensões com os coabitantes da área na qual o evento acontecia motivou sua transferência de local, aspecto discutido por Ribeiro (2010) a partir da análise do manifesto em defesa do baile na rua:

[...] incomodados com a diversão e talvez, até preconceito "racial" decidiram que não querem mais o evento no local, e alguém na prefeitura, mesmo com tudo legal [...] licença da prefeitura [...] a amplitude sonora estava abaixo do limite máximo. [...] término é, impreterivelmente, 20 horas: mesmo no aniversário e a rua reunia mais de 1.000 pessoas. [...] no que diz respeito à lei, estamos completamente regulares. [...] “a alegria incomoda” preconceito (um bando de pobres, negros, sem o que fazer, tirando o "sossego dos nobres cidadãos" (DJ JOSEPH, 1º set. 2009. apud. RIBEIRO, 2010 p.178-179 grifos nosso).

Assim muito embora inicialmente a autora afirme a diferença entre o Soul de outrora e de hoje, sendo a primeira expressão política e a outra fruição do lazer, a transcrição acima revela brotar, na tensão gerada pela disputa entre diferentes projetos de ocupação e uso do espaço urbano, a percepção da dimensão política subjacente ao Movimento, expressa no reconhecimento de motivações discriminatórias de ordem racial e socioeconômica no pedido de mudança do local de realização do Baile Soul e na tomada firme de posição em defesa da manifestação.

O Baile promovido pelo movimento social quarteirão do Soul foi também estudado por Coimbra (2013) no qual apresenta detalhes do processo de mediação deste conflito, que se deu por meio da “[...] realização de reuniões envolvendo representantes do Movimento, dos moradores, do comércio e da Prefeitura (Regional Centro-Sul) no intuito de conciliar os interesses de todos” (COIMBRA, 2013a, p.100). E, apresenta como resultado o tenso remanejamento do Baile Soul para a Rua Santa Catarina, confirmando seu entendimento de que as práticas socioculturais de lazer, como o Baile *Black Soul*, ao intervirem socialmente no espaço urbano, reinventam a cidade para além de seus limites geográficos, prédios, avenidas, bairros, leis. (COIMBRA, 2013b, p. 45).

Nesse novo contexto de emergência, maior popularização, tensão e crescimento do *Black Soul* na cidade de Belo Horizonte do século XXI, com a presença de bailes em diferentes lugares e espaços da cidade, que nessa pesquisa passou-se a focar o Baile *Black Soul* que acontece na Praça Sete de Setembro no coração da metrópole.

Esse baile, tempo-espaço sociocultural que conforma o campo onde realizo a observação etnográfica, está inscrito nesse processo de (re) emergência e proliferação de

espaços do *Black Soul* nesta cidade¹², foi inaugurado em 2009, acontecia aos domingos em baixo do viaduto Santa Tereza e para além do Black's que o frequentavam, o público contava ainda com moradores de rua.

Segundo informações biográficas presentes no livro *Irmãos de alma- 30 anos de Brother Soul*, lançado em 2012, pela fundação municipal de cultura, o organizador desse Baile na praça informa que nesse contexto de criação do baile “o aspecto de ferimentos”, “debilitação das pessoas em função do uso descontrolado de álcool e drogas” e “abandono do espaço nos domingos”, degradava o ambiente e atrapalhavam a mobilização para a participação. E segundo informa, “[...] as passavam pelo evento de carro, mais optava por não permanecer no espaço”.

Tendo permanecido nesse local por aproximadamente um ano o baile do domingo foi transferido para a Praça Sete de Setembros em 2008, desejo que brotara ainda em 2009, como informa Lord Tuca – organizador do baile e coordenador organização social da comunidade de Soul – o domingo foi escolhido para o baile por não coincidir com outros bailes e porque nesse dia o movimento no centro da cidade era pequeno, de modo que teria pouca interferência na circulação da cidade.

Sobre a configuração dessa produção do espaço, Lord Tuca destaca, que entre idas e vindas aos órgãos da Prefeitura da cidade em busca por legalidade para a ocupação desse espaço público, cessão de energia elétrica para o som e luzes, permissão e alvará para o evento, atinge seu objetivo principal. Há 10 (dez) anos, reúne-se entre duzentos e cinquenta a quatrocentas pessoas aos domingos para dançar Black Music na Praça.

¹² Ao longo da pesquisa etnográfica iniciada em 2013, fomos informados de que existiam vários bailes espalhados pela cidade, e também de eventos da prefeitura e mesmo da participação do estilo Black Soul em eventos e no festival de Arte negra que aconteceu na cidade em 2014, além de outros espaços da cidade.

Segundo consta nessa bibliografia e confirmado por meio da observação etnográfica do evento e pelo relato de seus frequentadores mais antigos, os Bailes *Black Soul* da Praça Sete de Setembro configuram, no coração da metrópole belohorizontina, um evento público, aberto, promovido por pessoas mais velhas e adultas negros, em sua maioria afrodescendente, mas não apenas e, pode ser considerada ação de um movimento mais amplo de (re) emergência desse estilo na cidade.

Por meio de depoimento e também observação desse baile e também bibliografia temos a confirmação da diversidade etária, da convivência dos diferentes grupos de idade, independentemente de classe e condição social, num espaço-tempo de lazer, no qual compartilham uma mesma experiência de celebração à vida. Entretanto, para além daquilo que informa a revisão bibliográfica, e mesmo do que informam individualmente seus participantes, a análise e interpretação do que até aqui apresentados, bem como a observação *in loco* dessa prática sociocultural de lazer, torna-se importante problematizar até que ponto essas manifestações teriam um aspecto apenas festivo e de sociabilidade e lazer, sem gerar tensões de caráter político, mesmo que de forma oculta ou velada.

Como já vinha acontecendo com o Quarteirão do Soul, estudado por Ribeiro, recorrentemente observo, no decorrer do processo de pesquisa, que a Prefeitura de Belo Horizonte – PBH, , vem tentando reduzir os tempos e os espaços de manifestação do *Black Soul* na praça central da cidade, numa postura explicitamente higienista com justificativas pouco convincentes, como “perturbação da ordem pública”, “excessos sonoros”, no intuito anular ou enfraquecer o movimento Soul naquele contexto.

Essas posições de caráter político por parte do poder hegemônico geram organizações coletivas no público Soul que com o lazer, com alegria e celebração resistem e enfrentam essas iniciativas na luta por seu direito ao lazer, e pela cidade.

Breves Considerações sobre o Estudo Bibliográfico

Conhecer aspectos relativos a *Soul Music* a partir de uma leitura sócio- histórica tem sido importante para a compreensão dos sentidos objetivos e subjetivos ligado ao estilo musical e ao lazer a ele relacionado. A bibliografia consultada informa um processo de ressignificação feitos pelos jovens, na segunda metade dos anos 70, por meio de apropriação, cooptação e rearticulação seletiva, configurou também a subversão de hegemonias exemplificado na conversão do lazer com diversão, alegria e dança, num mobilizador de identidade diaspórica, em oposição a imagens negativas da população negra, valendo-se da produção estética que não se submete ao prescrito pela orientação da normatividade hegemônica.

A inscrição do estilo *Black Soul* no interior do processo de expansão do capitalismo estadunidense, não significou por aqui a apreensão alienada de um produto de consumo estrangeiro. No Brasil o estilo musical *Black Soul* possibilitou reinvenção signos que possibilitaram uma solidariedade transnacional e intercontinental superando inclusive a diferença de idiomas.

Diferentemente do que encontro nas pesquisas do campo do lazer, identificam-se muitas evidências de que as ações sociais, culturais e políticas dos afrodescendentes e negros descendentes nesse lazer. Estas foram catalizadoras de mudanças culturais e contribuíram na instauração de processos de formação, ensino e educação que guardam legados para identidade nacional até os dias de hoje.

Nos bailes a produção simbólica e material está identificada nas relações que o sujeito estabelece com educação, política, economia, cidade, ambiente entre outras dimensões da vida. Estas dimensões da vida são indissociadas do modo de produção capitalista, especialmente no que se refere a capacidade de incorporação dessas práticas para retroalimentar sua reprodução. Todavia, o baile *Black Soul* configura uma prática sociocultural de lazer, que para além da alegria prazer com diversão caracteriza-se como uma intervenção lúdica e consciente na cidade que, carregando em si as ambiguidades do capitalismo, questiona o próprio sistema capitalista (NORONHA 2011, p.81). E como indicaram Gomes (2008), Marcelino (2007) Noronha (2011) (2011), por meio da ação participação, criação, tomada de decisão, capacidade de aproximação de pessoas, no tempo-espaço de lazer, também o subverte.

O *Black Soul* e o lazer a ele relacionado, mesmo hoje, tensiona as práticas políticas e o controle externo às liberdades de uso do corpo do tempo e do espaço e da cidade – especialmente quando observamos o caso desses bailes públicos em Belo Horizonte XXI.

Contudo, o que indicamos em relação ao *Black Soul* de hoje permite considerar que para além da vivência da diversão, ludicidade de adultos que, a pesquisa em desenvolvimento focada no baile converte-se na oportunidade de conhecer e compreender um processo educativo intergeracional, que se dá por meio da inserção e participação de jovens em uma atividade do universo adulto (TOMIAZAKI, 2010). Aspecto processual da educação que, enraizado no pertencimento social, atribuindo-lhe sentidos mais amplos, fortemente pautados no movimento das interações sociais.

Certamente muito ainda para investigar e analisar para atingir-se a compreensão do modo como se opera o continuum histórico que, como dito no início desta discussão,

torna possível a vitalidade atual do *Black Soul* em Belo Horizonte e o potencial educativo entre os grupos de idade e transgeracional.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. PEREIRA, A. A. **Histórias do Movimento Negro no Brasil**. Depoimentos CPDOC. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

ALVES, A. P. Os meios de comunicação brasileiros e o surgimento da black music. **Revista Urutágua** – academia multidisciplinar n. 22 out/Nov/dezembro. 2010. Acesso em: ago. 2013.

CARDOSO, M. **O movimento negro em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2002.

COIMBRA, K. E. R, **Dinâmica Territorial Urbana: Análise do Movimento Quarteirão do Soul** em Belo Horizonte. 204f. Tese (Doutorado)- Faculdade de Administração, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

COIMBRA, K. E. R.; SARAIVA, L.A.S. Territorialidade em uma organização -cidade: o Movimento Quarteirão do Soul. **Gestão & Regionalidade** - v. 29, n. 86 - maio/ago/2013 Disponível em: <file:///E:/textos%20doutorado/BLCK%20SOUL/uma%20territorialidade%20quarteirão%20do%20soul.pdf>. Acesso em: out. 2013.

DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

DIAS, Cleber. Teorias do lazer e positivismo. In: GIULINO, Gomes de Assim Pimentel. (Org.). **Teorias do lazer**. Maringá: Editora da Universidade Estadual de Maringá, 2010, p. 43-73

FREYRE. G. “Atenção brasileiros”. **Diário de Pernambuco**, 15 de maio de 1977, p. A-13.

FRIAS, Lena. Black Rio - O Orgulho (Importado) de Ser Negro no Brasil. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 17 jul. 1976. Caderno B.

GIACOMINI, S. M. **A Alma da festa** – família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro, o Renascença Clube. Belo Horizonte: Ed UFMG; Rio de Janeiro Ed. IUPERJ: 2006.

GOMES, N. L. **Sem perder a raiz**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____; MELO, V. A. Lazer no Brasil: trajetória de estudos, possibilidade de pesquisa. **Revista Movimento**. Porto Alegre.n 19. 2003.

_____; SILVA, N. N. ; FERREIRA, S.J ; FELIZARDO JUNIOR, L. C. **Identidade e Corporeidades Negras: Oficinas Culturais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. v. 1. 296.

GOMES, Christianne Luce. Lazer urbano, contemporaneidade e educação das sensibilidades. **Itinerarium**, v. 1, n. 1, p. 18, 2008.

GROPPO, Luís Antônio. Contracultura, juventude e lazer. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 7, n. 2, 2004.

_____. A emergência da juventude e do lazer como categorias socioculturais da modernidade. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 5, n. 1, 2002.

MAGNANI, J.G.C. Os circuitos dos jovens urbano: tempo social, **Revista de Sociologia da USP**, v. 5, n. 2, p173-205, 2005.

_____; SOUZA, Bruna Mantese (Org.). **Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidades**. São Paulo: Terceiro Nome, 2003.

MARCELINO, N. C. **Lazer e educação**. 12. ed. Campinas: Papyrus, 2007.

MEDEIROS, E. B. Reminiscências de uma educadora: Meio século de trabalho em recreação e lazer. In. WERNECK, C. L. G., ISAYAMA, H.F. **Seminário O lazer em Debate IV**, CELAR, Belo Horizonte 2003.

NACKED, R. C. Identidades em Diáspora: O movimento Black no Brasil. **Revista desenredos** – v.4, n. 12, jan/ fev. Acesso em: mar. 2012a.

_____. **Memória e historicismo através das músicas dos anos 1960-1970**
http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000132012000100030&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: março de 2012b.

NORONHA, V. Lazer, turismo e Diversidade Cultural. In FORTINI, J.L.M; GOMES,C.L; ELIZALDE.R. **Desafios e Perspectivas da educação para o lazer**. Editorial SESC,2011, v.1,p.81-94

PALOMBINI, C. Soul brasileiro e funk carioca. **Opus**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 37-61, jun. 2009.

_____. **Música dançante africana norte-americana, soul brasileiro e funk carioca: uma bibliografia**. SEMINÁRIO MUSICA CIÊNCIA E TECNOLOGIA, v.3, p. 53 -62, 2008.

_____. Sou brasileiro e funk carioca. **Opus**, Goiânia, v. 15, n. 1, p. 37-61, jun. 2010.
<https://www.anppom.com.br/revista/index.php/opus/article/view/261/241> Acesso em: mar. 2014.

RIBEIRO, A. C. R. **Identidade e resistência no urbano: o Quarteirão do Soul em Belo Horizonte**. 2008. 193 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

RIBEIRO, R. A. **Errância e exílio na soul music do movimento Black-Rio nos anos 70 ao Quarteirão do Soul em Belo Horizonte**, 2010 Florianópolis, v. 2, n. 2, p. 154 – 181, jul. / dez. 2010.

SANTOS, Boaventura de Souza. Uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. In: _____. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000, p. 93-136.

SILVA, D. F.G. **O Som da Diáspora** – A influência da black music norte-americana na juventude negra paulistana. Pós-Graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades - Universidade de São Paulo, São Paulo, São Paulo, 2011.

TOMIAZAKI, K. Transmitir e Herdar: O estudo dos fenômenos educativos em uma perspectiva intergeracional. **Educ. Soc. Campinas**, v. 31, n.111. p. 327-346. Abr/jun 2010.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

VIANNA, Hermano Paes. **O baile funk carioca: festas e estilos de vida metropolitanos**. Rio de Janeiro Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional / Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987

VIANA, L. R. Funk no Brasil: música desintermediada na cibercultura. **Revista Sonora**, Campinas, UNICAMP v. 3, n. 5, 2010.

Endereço do Autor:

Luiz Carlos Felizardo Junior
Residencial da Matta
Rua Governador Bias fortes, 360, apto 403
Bairro Chácaras Santa Inês, 7
Santa Luzia – MG – 33.170-05
Endereço Eletrônico: felizardojr@hotmail.com